

Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia da Educação

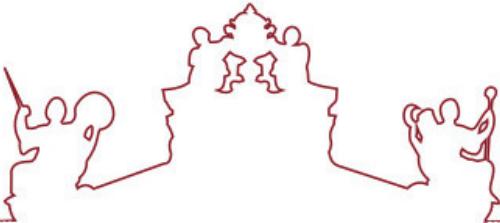
Dissertação

A percepção do clima familiar e a sua relação com os comportamentos de risco em jovens

Isabel Cristina da Silva Almodôvar

Orientador(es) | Heldemerina Samutelela Pires

Évora 2025



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia da Educação

Dissertação

A percepção do clima familiar e a sua relação com os comportamentos de risco em jovens

Isabel Cristina da Silva Almodôvar

Orientador(es) | Heldemerina Samutelela Pires

Évora 2025



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | João Nuno Ribeiro Viseu (Universidade de Évora)

Vogais | Heldemerina Samutelela Pires (Universidade de Évora) (Orientador)
Maria João Gouveia Pereira Beja (Universidade da Madeira) (Arguente)

Évora 2025

Agradecimentos

Passaram-se 5 anos desde que o meu sonho de infância se realizou, onde apesar de ter todas as certezas do mundo, não sabia nada, não sabia o que me esperava, e não sabia o tanto que este percurso me mudaria. Cheguei ao sítio que a Isabel de 18 anos não esperava, e fiz um caminho que “ela” por vezes nem queria. Diversos fatores puseram a Isabel de agora num sítio que não poderia ser mais adequado, pois não me veria a fazer outra coisa, e não me veria focada noutra área. As aulas que frequentei, os/as professores/as que encontrei, as pessoas que conheci, até os meros sítios em que estive e as coisas que vi pela primeira vez, todos me impactaram de uma forma ou de outra, todos me trouxeram aqui. Por isso, é preciso agradecer, nada disto tinha acontecido sem ajuda, sem o “outro”.

Primeiramente, pois sem ela esta dissertação não estaria aqui, à Professora Doutora Heldemerina Pires, pelo convite aceite, pela ajuda, pela disponibilidade, pela confiança, e pela partilha de conhecimento.

Aos Professores e Professoras que durante estes 5 anos partilharam o seu conhecimento, técnica, e paixão pela Psicologia, transmitindo-me confiança para seguir esta área e me tornar uma profissional focada e competente.

Não posso deixar de agradecer aos dirigentes e aos professores das Escola Secundária André de Gouveia pela disponibilidade e pela ajuda com a recolha de dados, e aos alunos pela sua disponibilidade e paciência.

Aos colegas com quem partilhei esta jornada, pela partilha de ideias, pela partilha de conhecimento, pela partilha de experiências, pelos almoços, pelos jantares, pelos cafés, pelas saídas, e principalmente, pela partilha desta paixão.

Nesta fase final, não poderia deixar de agradecer em especial ao Alexandre e ao Tomás, pela motivação, pela partilha de conhecimento, pelo companheirismo, e principalmente pelos cafés, porque sem eles isto não teria tanta piada.

À Rafaela, porque depois de tantos anos e quilómetros de distância, ainda está comigo, e mesmo fora desta área, me motiva, e não esquece o “e essa tese como é que vai”?

Sempre em lugar de destaque, à Mãe, ao Pai, aos Manos, será para sempre impossível agradecer por tudo, mas, neste caso, pelo apoio, por me ouvirem e por

aturarem as conversas sobre este tema tão extenso que é a Psicologia, e o mais importante, obrigada também por todos os sacrifícios e esforço sem os quais não tinha a oportunidade de chegar aqui.

Obrigada.

A Perceção do Clima Familiar e a sua relação com os Comportamentos de Risco em Jovens

Resumo

Este estudo teve como principal objetivo observar a relação entre a qualidade do Clima Familiar e o envolvimento em Comportamentos de Risco por parte dos jovens. Participaram no estudo de 96 estudantes de ambos os géneros, com idades entre os 16 e os 21 anos a frequentar o ensino secundário. De forma a recolher os dados foram utilizados: um questionário sociodemográfico, o Inventário do Clima Familiar (ICF) e um Questionário de Comportamentos de Risco. Os resultados mostram que, os rapazes parecem ter uma pior percepção do seu clima familiar quando comparados com as colegas do género feminino. Verifica-se que uma qualidade do Clima Familiar mais negativa, principalmente nos fatores Coesão e Conflito, se relaciona com níveis mais elevados de envolvimento em Comportamentos de Risco, existindo assim uma correlação negativa significativa entre as duas variáveis de estudo.

Palavras-chave: Clima Familiar; Comportamentos de Risco; Conflito; Adolescentes; Família.

Family Climate perception and its relationship with Risk Behaviors in Teenagers

Abstract

The main objective of this study was to observe the relationship between the quality of the Family Climate and adolescents' involvement in High-Risk Behaviour. Ninety-six students of both genders aged between 16 and 21, attending secondary school took part in the study. A sociodemographic questionnaire, the Family Climate Inventory (ICF) and a Risk Behaviour Questionnaire were used to collect the data. The results show that boys seem to have a worse perception of their family climate when compared to their female peers. It was found that a more negative quality of Family Climate, especially in the Cohesion and Conflict factors, is related to higher levels of involvement in High-Risk Behaviours, thus there is a significant negative correlation between the two study variables.

Keywords: Family Climate; Risk Behavior; Conflict; Adolescents; Family.

Índice

Introdução e Enquadramento Teórico	1
O Desenvolvimento na Adolescência	1
Comportamentos de Risco	3
Comportamentos de Risco em Jovens Portugueses.....	6
A Família e o Ambiente Familiar	7
A Influência da Família no envolvimento nos Comportamentos de Risco	9
Objetivos do Estudo.....	10
Método.....	11
Caracterização da Amostra.....	11
Instrumentos	12
Procedimentos de Recolha de Dados.....	13
Procedimentos de Análise	14
Resultados.....	15
Discussão dos resultados.....	19
Conclusões	22
Limitações e Estudos Futuros.....	23
Referências bibliográficas.....	25
Anexos.....	34

Índice de Tabelas

Tabela 1. Medidas Descritivas dos Fatores do ICF	16
Tabela 2. Resultados dos Testes de Mann-Whitney para os fatores do ICF entre os níveis da variável Género.....	17
Tabela 3. Médias descritivas relativas à variável Género tendo em conta o ICF e os seus fatores	18
Tabela 4. Matriz de Correlações de Spearman entre as variáveis	19

Introdução e Enquadramento Teórico

A qualidade das relações familiares, principalmente entre os pais e os seus filhos, revela-se bastante importante para o desenvolvimento destes quando adolescentes (Thomas et al., 2017). Nesta fase da adolescência, com todas as mudanças que a ela estão associadas, os jovens procuram a sua própria identidade, o que torna a sua relação com a sua família diferente do que era até esta fase, existindo uma necessidade de se libertarem e distinguirem (Figueiredo et al., 2018). Tal como a literatura tem mostrado, este ambiente familiar tem, de facto, um impacto também no envolvimento destes em comportamentos de risco, podendo este ser um fator protetor ou, um fator de risco para a prática de comportamentos como: o consumo de tabaco e substâncias ilícitas, comportamentos sexuais de risco e comportamentos violentos (Brondani & Ardini, 2019; Dittus et al., 2015; Rusby et al., 2018).

Tendo em conta a literatura existente, este estudo visou, principalmente, explorar a relação entre a qualidade do clima familiar, e o envolvimento dos jovens nos comportamentos de risco. Para além disto, procurou-se analisar a percepção atual que os jovens têm sobre o seu clima familiar, a sua quantidade de envolvimento nos comportamentos de risco, e ainda as diferenças que podem ocorrer entre o género masculino e o género feminino, no que a estas variáveis diz respeito.

Esta dissertação, encontra-se organizada da seguinte forma: Enquadramento Teórico, contendo uma revisão da literatura incluindo os temas a serem estudados; os Objetivos do Estudo; a Metodologia, que descreve os objetivos, o desenho do estudo, o processo de seleção, a caracterização da amostra, e a descrição dos instrumentos utilizados para a recolha da informação; os Resultados, que consiste na descrição dos resultados obtidos; a Discussão, que consiste numa reflexão e integração dos dados com a revisão de literatura e questões de investigação; por fim, as Conclusões, incluindo um resumo dos resultados encontrados, e ainda uma reflexão sobre as limitações e contributos do presente estudo.

O Desenvolvimento na Adolescência

A adolescência é o período de desenvolvimento que engloba algumas das maiores e mais dramáticas mudanças psicossociais durante a vida (Rapee et al., 2019). Frequentemente definida como o período entre os 10 e os 21 anos (Papalia et al., 2001),

a adolescência é um período “atribulado” no caminho para a idade adulta. De acordo com Halfon et al., (2018) e Vijayakumar et al., (2018), a adolescência tem sido considerada como um período caracterizado por transformações um pouco incómodas, tal como: as alterações nos atributos corporais que estão associados à puberdade, incluindo a maturação sexual; o desenvolvimento das funções socioemocionais ligadas, por exemplo, à autodefinição ou identidade; e em mudanças no foco das relações sociais, passando dos pais para os pares. Dentro destas transformações, na adolescência, cada indivíduo possui competências cognitivas, comportamentais, sociais e relacionais para contribuirativamente para o seu próprio desenvolvimento (Newman & Newman, 2020).

Comparando com os períodos de desenvolvimento anteriores, os adolescentes têm uma capacidade maior para desenvolver a sua autonomia, para formular e tomar ações que exerçam, pelo menos, algum controlo sobre o seu próprio desenvolvimento, ou seja, existe um desenvolvimento das ações intencionais dos indivíduos. Esta autonomia envolve competências de autorregulação que incluem, por exemplo, a seleção de objetivos e a formulação de propósitos que são importantes para o desenvolvimento do sentido de si e das tentativas crescentes de encontrar um meio onde se inserir (Halfon et al., 2018).

No desenvolvimento da sua própria autonomia, o adolescente deverá tornar-se independente face aos seus pais construindo assim, um sentido de identidade, desenvolvido ele mesmo em grande parte no contexto familiar, que integre as transformações ocorridas durante esta fase numa unidade coerente (Crocetti et al., 2017; Figueiredo et al., 2018).

O desenvolvimento da identidade, difere em função do género do adolescente, e este tem um papel importante no seu desenvolvimento. De uma forma geral, a adolescência é uma fase importante para as mudanças relacionadas com o género. Os jovens descobrem a sua identidade sexual individual, e sofrem alterações hormonais e físicas (Ullrich et al., 2022). Neste sentido, o comportamento de género intensifica-se durante a adolescência à medida que os jovens aprendem a gerir os seus futuros papéis de adulto (incluindo os papéis de género), significando que as atitudes tradicionais em relação aos papéis de género também se intensificam. Isto pode ser visto, por exemplo, nos rapazes, que no início da adolescência, apresentam um aumento das atitudes tradicionais relativas aos seus papéis de género (Halimi et al., 2021). Para além disto, as adolescentes do género feminino para além de passarem pelo processo de formação da

sua identidade mais cedo que os seus pares do género masculino, são encorajadas a demonstrar mais vulnerabilidade e emoções como, alegria e tristeza, tendo menos probabilidade de mostrar força e raiva do que os adolescentes do género masculino, que são encorajados a serem agressivos, ativos e mais racionais que emocionais (Amaral et al., 2017; Chen et al. 2018). Isto quer dizer que, o próprio contexto em que o adolescente se insere, pode influenciar a forma como o adolescente passa a expressar-se relativamente ao seu género (Ullrich et al., 2022).

A influência dos contextos, em particular e em primeiro lugar, o contexto familiar, tal como referiram Bronfenbrenner (1979) e Erikson (1968), é bastante relevante para esta formação de identidade e para a modelação do indivíduo enquanto ator nas suas próprias decisões e comportamentos, então, nesta fase da adolescência, ao tornar-se mais independente dos seus progenitores, existem diversas formas do jovem navegar o seu desenvolvimento podendo, por um lado, pôr-se em risco prejudicando a sua saúde física e mental (Crocetti, et al., 2017; Figueiredo, et al. 2018). Nesta construção de identidade, de autonomia, e da procura de um meio onde se inserir, a exploração, e a procura de sensações, torna-se uma das características da adolescência que pode estar ligada à entrada em situações e comportamentos de risco (Le Breton, 2009). Deste modo, a adolescência está associada a um pico de comportamentos de risco, tais como, o consumo de drogas, o consumo excessivo de álcool, o sexo sem proteção, e a criminalidade (Ciranka & van den Bos, 2021).

Comportamentos de Risco

Os comportamentos de risco anteriormente referidos, podem ser descritos como comportamentos que poderão ameaçar a saúde física ou mental dos indivíduos, tanto no presente como no seu futuro (Zappe et al., 2018). Estes comportamentos podem ser nomeadamente: comportamentos de violência e criminalidade, comportamentos suicidários, o consumo de tabaco, de álcool e outras drogas, comportamentos sexuais de risco, tal como o não uso de proteção, e os comportamentos alimentares pouco saudáveis, assim como a inatividade física (Bozzini et al., 2020; Moura et al., 2018). Estas atividades quando não feitas de forma esporádica, o que é normal na fase da adolescência, mas sim num padrão consolidado não identificado precocemente e eficazmente monitorizado, poderá prejudicar a saúde do indivíduo, bem como os seus laços sociais e familiares (Bozzini et al., 2020; Santos et al., 2008).

Como já foi referido, os jovens são normalmente vistos como um grupo em especial risco de se envolver em comportamentos que comprometem a sua saúde (Santos et al., 2008; Teixeira, 2017). O consumo de bebidas alcoólicas entre os jovens é dos mais frequentes pois, este é bastante derivado da pressão social e particularmente atrativo sendo que, é considerado um sinal de maturidade ou de idade adulta (Henneberger et al., 2021; Tsitsimpikou et. al., 2018). O consumo inadequado de álcool entre os jovens tem sido associado a problemas comportamentais significativos, tais como agressividade ou comportamento violento (Tsitsimpikou et. al., 2018). Nos últimos anos, os resultados do americano *National Survey on Drug Use and Health* (NSDUH) (2022), sugerem que 15% dos adolescentes com idades entre 12 e 20 anos se envolvem em consumo de álcool a cada mês.

Quanto ao consumo de tabaco, este inicia-se normalmente no início da adolescência, entre os 11 e os 15 anos, aumentando a partir dos 16 anos, e está relacionado à experimentação e à influência dos ambientes sociais (Henneberger et al., 2021; Tsitsimpikou et. al., 2018). De acordo com um estudo americano, 7% dos jovens entre os 12 e os 17 anos, consumiram tabaco e derivados, em 2022 (NSDUH, 2022).

Já no consumo de drogas, a legalização ou não das mesmas é um fator a considerar para a prevalência do seu consumo, mas em parte este consumo deriva dos consumos de tabaco e de álcool, que se desenvolve para o início do consumo de mais substâncias. Estas substâncias são geralmente utilizadas pelos jovens para proporcionar prazer, relaxamento, picos de excitação ou sensações prolongadas e intensas (Henneberger et al., 2021; Tsitsimpikou et al., 2018). A marijuana foi a droga mais consumida pela população jovem, sendo 11,5% dos consumos por parte dos adolescentes entre os 12 e os 17 anos (NSDUH, 2022).

Refletindo sobre a violência e os comportamentos suicidários, verifica-se que a violência entre jovens em idade escolar é um cada vez mais um problema de saúde pública, principalmente no que diz respeito ao *bullying* (David-Ferdon, et al., 2021). De acordo com os resultados de estudo americano *Youth Risk Behavior Surveillance* (YRBS) (2021), nos 12 meses que precedem a aplicação do questionário, 18% dos jovens entre os 15 e os 19 anos estiveram envolvidos em brigas físicas, 15% sofreram de *bullying*, e 11% sofreram violência sexual. Tem ainda existido um aumento preocupante relativamente aos comportamentos suicidários, onde de acordo com o NSDUH (2022), 13% dos adolescentes entre os 12 e os 17 anos apresentaram pensamentos suicidas.

Já no que concerne aos comportamentos sexuais de risco, estes podem-se definir-se como, a não utilização de proteção, as relações sexuais associadas ao consumo de álcool e/ou drogas, e o envolvimento com parceiros aleatórios (Castro, et al., 2020). Estes são comportamentos de risco, principalmente na adolescência, dada a maior dificuldade na percepção das consequências negativas nesta idade, tais como a possibilidade de uma gravidez indesejada e/ou a contração de doenças sexualmente transmissíveis, como por exemplo o HIV, tendo estas um impacto significativo na vida dos jovens e no seu futuro (Karim et al., 2017; Teixeira, 2021).

Por fim, acerca dos comportamentos alimentares de risco e o exercício físico, pode-se dizer que, a falta de prática de exercício físico e de uma dieta alimentar saudável origina, primeiro, o aumento de peso no adolescente e, mais tarde, ao continuar estes maus hábitos, o aparecimento de excesso de peso ou até obesidade (Alves et al., 2017). É evidente que os hábitos alimentares dos adolescentes têm sido cada vez mais caracterizados pelo alto consumo de alimentos ultraprocessados, ricos em gorduras, e em açúcares (de Andrade et al., 2016).

Para além do caráter exploratório da adolescência e do desenvolvimento da autonomia já referido, a prática de comportamentos de risco pode acontecer, derivada, por exemplo, da iniciação ou a manutenção de amizades, ou seja, por questões sociais e pressão de pares, até mesmo ligadas à tentativa de integração nos grupos de pares (Camacho, 2011; Zappe et al., 2018). Por exemplo, o consumo de substâncias tais como o álcool facilita as interações sociais e a aproximação dos outros, a partilha de sentimentos e o relaxamento, aumentando, desta forma, o seu apelo para os jovens, à procura de um grupo onde se inserir (Davoren et al., 2018; Santos et al., 2008). Como já referido, o papel da família também é importante, neste envolvimento. Devido às influências do meio que o envolve, neste caso, a influência dos familiares, o jovem poderá tomar comportamentos de maior risco e desenvolver condutas desajustadas associadas ao ambiente em que está inserido, e ao facto de não ter uma família como base sólida de suporte (Camacho, 2011).

Para além disto, dentro dos fatores que podem prevenir ou amenizar a adoção de comportamentos de risco por parte dos jovens, está a integração num grupo de pares sem envolvimento, uma boa relação com a escola, os bons resultados académicos, e a boa autoestima (Camacho, 2011; Nawi et al., 2021).

Relativamente às diferenças de género no envolvimento dos jovens nestes comportamentos, a literatura existente refere diferenças como: o maior envolvimento em comportamentos violentos por parte dos rapazes, e uma maior frequência nos pensamentos suicidas por parte das raparigas, existindo ainda um aumento no consumo de substâncias por parte das mesmas nos últimos anos (Figueiredo et al., 2018; Zhang et al., 2019). No que toca a outros comportamentos de risco, tais como os comportamentos sexuais ou o consumo de tabaco, existem resultados que referem que o uso de proteção está mais associado ao género feminino e o não consumo de tabaco diariamente está mais associado ao género masculino (Duarte, 2022; Tsitsimpikou et al., 2018).

Comportamentos de Risco em Jovens Portugueses

Em Portugal, têm vindo a ser feitos vários estudos sobre o envolvimento dos jovens portugueses em comportamentos de risco, podendo-se destacar vários resultados estatísticos sobre o tema. Em 2022, os resultados mostram que a prevalência de consumo de bebidas alcoólicas entre os jovens de 18 anos em Portugal foi elevada, com 88% a referirem consumos pelo menos uma vez na vida, 85% nos 12 meses anteriores ao inquérito e 68% nos 30 dias anteriores (Carapinha et al., 2023). O consumo de tabaco, apesar de ser inferior ao de bebidas alcoólicas, apresentou-se significativo, com 52% dos jovens a referirem terem fumado pelo menos uma vez na vida, 44% nos 12 meses anteriores e 34% nos 30 dias anteriores (Carapinha et al., 2023). Em relação à utilização de medicamentos psicoativos sem receita médica, 7% dos jovens admitiram ter usado ao longo da vida, 6% nos 12 meses anteriores e 3% nos 30 dias anteriores. No que se refere ao consumo de substâncias ilícitas, 34% dos jovens mencionaram já ter consumido pelo menos uma vez na vida, 27% nos 12 meses anteriores e 16% nos 30 dias anteriores ao inquérito (Carapinha et al., 2023).

Relativamente à violência e autolesões, considerando o ano de escolaridade, os resultados mostram os adolescentes mais novos, especificamente do 6º ano de escolaridade, como o grupo que mais se envolveu em lutas físicas, enquanto os alunos do 10º ano foram os que mais sofreram lesões (Gaspar et al., 2022). As autolesões são mais prevalentes nos alunos do 8º ano, enquanto os do 10º ano são os que mais se autolesionam nos braços, sendo aqui importante referir que foi observado um aumento significativo de autolesões por parte dos jovens, passando de 19.6% em 2018 para 24.6% em 2022 (Gaspar et al., 2022). Ligado às autolesões, é importante referir que os comportamentos

suicidários entre os adolescentes têm representado um sério problema de saúde mental e pública a nível nacional e global, com repercussões sociais, familiares e económicas consideráveis, sendo esta uma área de intervenção prioritária, definida pela Organização Mundial de Saúde (WHO, 2014).

A prática de atividade física também apresenta variações consoante a idade e género. Os rapazes tendem a praticar mais atividade física regularmente (mais de três vezes por semana), quando comparados com os seus pares do género feminino. Para além disto, os estudantes do 10º ano são os que praticam menos atividade física durante a semana e reportam maiores índices de excesso de peso e obesidade (Gaspar et al., 2022).

Finalmente, no que toca ao comportamento sexual de risco, 28.4% dos jovens entre os 12 e 15 anos não usaram preservativo na sua última relação sexual e 51.7% não usaram pílula. Representando assim um risco significativo para a saúde reprodutiva e doenças sexualmente transmissíveis (Gaspar et al., 2022).

A Família e o Ambiente Familiar

Como já foi referido, a família e o seu contexto é bastante relevante para o desenvolvimento do ser humano. Na literatura, esta é definida como sendo um sistema, um conjunto de pessoas consideradas como uma unidade social, com um todo sistémico onde se estabelecem relações entre os seus membros e com os sistemas exteriores (Alarcão, 2006). Dentro deste sistema dinâmico existirão influências que irão afetar áreas como os valores, as regras, e as crenças de cada membro, construindo as suas identidades, e contribuindo para uma estabilidade duradoura no sistema familiar (Dias, 2011). Assim, através de uma visão sistémica da família, esta pode ser entendida como um conjunto de relações caracterizadas por uma influência recíproca, intensa, direta e duradoura entre os seus membros (Bernardo, 2023). Esta é o principal agente de socialização do indivíduo, constituindo-se como uma dimensão essencial na vida destes (Minuchin, 1990).

A família caracteriza-se como parte essencial na construção da saúde emocional dos seus membros, tendo como função básica a proteção e o bem-estar destes (Reis et al., 2018). Desta forma, a família da atualidade é caracterizada por redefinições de papéis, hierarquia e sociabilidade, permitindo diferentes configurações familiares, que estão centradas na valorização da solidariedade, da fraternidade, na ajuda mútua, e nos laços de afeto (de Oliveira et al., 2008)

Papalia (2001), tem descrito a estrutura e a atmosfera familiar, como dois dos maiores elementos do ambiente familiar, denotando-se que, o que em grande parte influencia o desenvolvimento do indivíduo dentro do seu meio familiar, é o facto de se providenciar apoio e afeto, ou em vez disso, ser um ambiente dominado por conflitos (Papalia et al., 2001). É de constatar que, o apoio e o afeto, constam exatamente na Convenção sobre os Direitos das Crianças (1990), referindo que, a criança para o desenvolvimento harmonioso da sua personalidade, deve crescer num ambiente familiar, em clima de felicidade, amor e compreensão (Silva Ramos, 2016).

Tendo isto em conta, o papel principalmente das figuras parentais neste sistema, deverá ser de integrar um espaço de harmonia, partilha, expressão de opiniões, motivação e suporte emocional, de forma a oferecer um ambiente familiar funcional, seguro, com aceitação e afetividade (Silva et al., 2016).

A literatura diz-nos que o suporte emocional familiar, pode ser descrito como, a existência de práticas de aceitação, ou seja, práticas de atenção, de responsividade, de envolvimento e de suporte de forma controlada. Estas são contrárias a práticas de rejeição ou de superproteção, contemplando um controlo parental adequado, ou seja, a imposição de um nível adequado de limites, proteção e supervisão (Boudreault-Bouchard et al., 2013 citado em Duarte, 2022). O suporte parental pode ajudar bastante no desenvolvimento saudável quando este influencia a autonomia e a tomada de decisão, ao tomar em conta a perspetiva do/a filho/a e estimulando a sua independência e capacidade de resolução de problemas (Benito-Gomez et al., 2020). Se tal acontecer, é transmitida uma sensação de segurança que provém de um cuidador de confiança que, a criança sabe que estará presente para a proteger caso seja necessário (Duarte, 2022). Os jovens que percecionam os seus pais como promotores da sua autonomia, têm tendência a ajustar-se melhor na transição para a vida adulta (Soenens et al., 2017). É então de esperar que um ambiente familiar positivo de suporte emocional, promova a saúde e o bem-estar do indivíduo que nela está inserido, enquanto se desenvolve (Duarte, 2022).

Pelo contrário, a literatura também nos diz que, neste contexto, muitos jovens estão expostos a várias situações de risco para o seu desenvolvimento, nomeadamente, negligência, violência física, e psicológica, além de padrões parentais de cuidado e supervisão inadequados e rigidez nas práticas educativas (Souza et al., 2015 citado em Paixão et al., 2018). A percepção de um clima familiar conflituoso e negativo, toma um papel significativo no desenvolvimento de problemas emocionais e de comportamento

nos jovens (Paixão et al., 2018). Esse tipo de relacionamento familiar pode contribuir para o aparecimento de possíveis perturbações mentais, podendo estas ser internalizantes, tal como a depressão e a ansiedade, ou mais no que concerne esta dissertação, as externalizantes, (e.g. comportamentos agressivos e antissociais) (Faus, 2022). Autores como, Gabalda et al. (2010) e Faus (2022) dizem-nos que vivências negativas na infância e na adolescência, tais como a exposição à violência, especialmente experienciadas no contexto familiar, aumentam o risco do adolescente se expor a situações que o tornem vulnerável. Sendo assim, o clima familiar tanto pode potencializar o surgimento de psicopatologias, quanto promover o bem-estar dos seus membros (Paixão et al., 2018). O clima familiar refere-se aqui à percepção dos seus membros sobre as características relacionais intrafamiliares (Teodoro, et al., 2009). É importante salientar que, neste estudo o clima familiar será definido utilizando os fatores teóricos descritos por Björnberg e Nicholson (2007), e mais tarde adaptados por Teodoro et al. (2007). Desta forma, contém o Conflito, ligado à presença de relação agressiva e crítica; a Coesão, caracterizada pela presença de uma ligação emocional entre os membros; o Apoio, ligado ao suporte emocional e material recebido; e a Hierarquia, ligada às diferenças claras de poder onde as pessoas mais velhas têm toda a influência nas decisões da família (Teodoro, et al., 2009).

A Influência da Família no envolvimento nos Comportamentos de Risco

Tendo em conta os fatores do clima familiar descritos por Teodoro et al. (2007), pode-se descrever melhor a influência que a família poderá ter no envolvimento dos jovens em comportamentos de risco. Primeiramente, é sabido que muitos dos problemas apresentados pelos jovens podem resultar da existência do conflito na família (Freire, 2020; Mota & Matos, 2009). Como já referido, jovens expostos a elevados níveis de conflitos no seio familiar apresentam dificuldades no processo de ajustamento que podem passar por internalização ou externalização de problemas, podendo estar estes ligados aos comportamentos de risco (Mota & Matos, 2009). Relativamente aos outros fatores, pode-se observar uma dicotomia entre o apoio e a coesão familiar e o conflito e a hierarquia (Teodoro et al., 2007). Ambientes familiares com altos níveis de coesão e baixos níveis de conflito, ajudam os jovens a desenvolver uma identidade adaptativa, tal como ambientes com níveis mais altos de apoio. Ou seja, se esta for uma base sólida de suporte e uma influência positiva para o jovem, o ambiente familiar poderá ser um fator de proteção, onde neste ambiente o jovem terá menos probabilidade de envolvimento nestes

comportamentos (Rusby et al., 2018; Sieving et al., 2017). Por outro lado, ambientes conflituosos, pouco coesos e com uma hierarquia marcada, estão associados ao desenvolvimento de uma identidade desajustada que poderá dar origem a comportamentos de risco tais como perturbações alimentares (Cruz et al., 2014, citado por Priost, et al., 2019; Leusin et al., 2018).

Dando o exemplo do comportamento de risco de consumo de substâncias, a literatura diz-nos que, o consumo de drogas dentro do ambiente familiar, as relações conflituosas entre os seus membros, e o desequilíbrio familiar, aumenta a probabilidade de consumo por parte do adolescente (Rusby et al., 2018; Duarte, 2022). De certa forma, os consumos de substâncias psicoativas por parte dos jovens surgem como forma de lidar com as situações de stress que ocorrem dentro do seu meio familiar (Jorge et al., 2018).

No que toca às diferenças de género, pode-se também denotar uma diferença na influência que a família tem neste envolvimento, visto que, de acordo com a literatura, existe um maior impacto nas raparigas, quanto à sua relação com a família. Estudos mais aprofundados referem que no fator das relações familiares, o tipo de suporte emocional e controlo parental tem uma maior relação com o uso de substâncias no que concerne as raparigas (Rusby et al., 2018). Sendo que, também foi observado que, um maior apoio emocional está mais fortemente associado a níveis baixos de consumo de substâncias quando a adolescente é do género feminino (Camacho, 2011).

Objetivos do Estudo

Apesar de existir conhecimento sobre o impacto que a percepção do clima familiar pode ter no envolvimento dos jovens em comportamentos de risco, torna-se pertinente explorar esta questão de uma forma mais aprofundada, neste caso, percebendo as diferenças dos comportamentos tomados por jovens de ambos os géneros, e a sua relação com a qualidade das relações familiares de cada.

Considerando os pressupostos anteriormente referidos, com este estudo pretendeu-se observar a influência da percepção do clima familiar no envolvimento dos jovens em comportamentos de risco. Assim, formularam-se os seguintes objetivos específicos que serviram de orientação à investigação:

- 1) Identificar a qualidade das relações familiares;
- 2) Verificar se existem diferenças no envolvimento em comportamentos de risco em função do género;

- 3) Verificar se existem diferenças na percepção da qualidade dos relacionamentos familiares em função do seu género;
- 4) Observar se existe relação entre a percepção do clima familiar e o envolvimento em comportamentos de risco.

De acordo com a literatura referida, é esperado que menores níveis de qualidade do clima familiar, isto é, climas mais conflituosos, pouco coesos, e com uma forte hierarquia, se relacionem com maiores níveis de envolvimento em comportamentos de risco (Duarte, 2022; Leusin et al., 2018; Prioste et al., 2019;). Para além disto, é esperado que existam diferenças entre o género feminino e o género masculino relativamente às variáveis em estudo (Figueiredo et al., 2018; Tsitsimpikou et al., 2018; Zhang et al., 2019).

Método

No presente estudo, foi utilizada uma metodologia quantitativa. Os dados foram recolhidos através de, um Questionário Sociodemográfico elaborado para este estudo, um Questionário de Comportamentos de Risco também elaborado com o propósito desta dissertação, e o Inventário do Clima Familiar (Francisco, 2015; Teodoro et al., 2009).

Caracterização da Amostra

Para este estudo, os dados foram recolhidos numa Escola Secundária, abrangendo 10 turmas dos 10º (57.3%) e 12º anos (42.7%). A amostra utilizada nesta investigação é constituída por 96 jovens, com idades compreendidas entre os 15 e os 21 anos ($M = 16.80$), 53 do género feminino (55.2%) e 43 do género masculino (44.8%), residentes na cidade de Évora. No agregado familiar, a maioria dos participantes vive com a mãe e o pai (62.5%), e 82.3% refere ter irmãos, tendo na maioria apenas 1 irmão (55.2%). As habilitações dos pais são na maioria o ensino secundário, com percentagens de 40.6% relativamente ao pai, e 38.5% relativamente à mãe. A sua área de empregabilidade, na maioria, é o serviço e comércio em ambos os casos, tendo o pai uma percentagem de 21.9%, e a mãe de 26%.

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico (Almodôvar & Pires, 2024)

Este é um questionário construído com o propósito deste estudo, e inclui questões sobre idade, ano de escolaridade, género, com quem vive, irmãos, e o número dos mesmos, habilitações literárias e profissão dos pais.

Inventário do Clima Familiar (ICF) (Francisco, 2015; Teodoro et al., 2009).

Este é um inventário formado por itens baseados em instrumentos internacionais, tais como o *Family Climate Inventory* (Kurdek et al., 1995) e o *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale* (Olson, 1985). Foi então construído por Teodoro et al., (2009) e encontra-se em adaptação inicial para Portugal por Francisco (2015). Este é um instrumento de autorrelato, que inclui 22 itens em escalas Likert de cinco pontos (de “não concordo” até “concordo plenamente”), divididos em quatro fatores: coesão, apoio, hierarquia e conflito familiar. Primeiramente, a coesão familiar pretende avaliar o vínculo emocional estabelecido entre os membros familiares. (ex.: “Sinto que existe união entre os membros.”). O fator apoio inclui itens que avaliam o suporte emocional e material dado e recebido dentro da família (ex.: “As pessoas tentam ajudar-se umas às outras quando as coisas não estão bem.”). O fator hierarquia pretende observar a diferenciação rígida de poder dentro do sistema familiar, onde as pessoas mais velhas possuem um maior poder nas decisões da família (ex.: “As proibições são constantes.”). Por fim, o fator conflito, avalia a relação conflituosa, agressiva e crítica entre os elementos da família (ex.: “Resolver problemas significa discussão e conflitos”) (Teodoro et al., 2009).

Na construção do instrumento, optou-se por inverter os resultados obtidos nos fatores Conflito e Hierarquia e somá-los aos valores de Coesão e Apoio para a confecção da variável Clima Familiar total. Desta forma, o ICF é compreendido como possuindo um polo de clima familiar positivo (coesão e apoio) e outro negativo (conflito e hierarquia) (Teodoro et al., 2009).

Assim, para a utilização e análise deste instrumento inverteu-se a classificação dos itens formulados pela negativa (itens 2, 3, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 12, 16, 18, 20), ou seja, os itens que compõem os fatores Hierarquia e Conflito. Quanto mais elevadas forem as pontuações resultantes, melhor a qualidade do clima familiar, no que diz respeito à coesão, ao conflito, à hierarquia e ao apoio familiar, respectivamente (Francisco, 2015). É de notar que os fatores Conflito e Hierarquia, fazendo parte do polo negativo, quando as

suas pontuações são mais elevadas, significará também que existe uma melhor qualidade do clima familiar no que a eles diz respeito.

Os alfas de Cronbach da escala original, mostraram uma consistência interna considerada boa, variando entre .71 (Apoio) e .84 (Conflito) (Teodoro et al., 2009). Neste estudo, os valores variaram entre .61 (Apoio) e .84 (Coesão e Conflito), mostrando também uma boa consistência interna (Almeida & Freire, 2003).

Questionário de Comportamentos de Risco (Almodôvar & Pires, 2024)

O Questionário de Comportamentos de Risco utilizado neste estudo foi construído com o propósito desta mesma investigação, de modo a ser aplicado a alunos de ensino secundário mais jovens, com questões menos invasivas. O questionário foi construído com base no questionário YRBS (*Youth Risk Behaviour Survey*) (Brener et al., 2004; Santos, et al., 2008), de modo a avaliar o envolvimento em comportamentos de risco dos jovens. Este é um questionário de autorrelato, constituído por 22 questões, em escalas Likert de 5 pontos (de “Nunca” até “Muito Frequentemente”), divididas em diversos tipos de comportamentos de risco, incluindo, a segurança (itens 1 a 3), a violência (itens 4 a 6), a ideação suicida (itens 7 a 9), o consumo de substâncias, tais como, drogas ilícitas (itens 10 e 11), calmantes (item 12), álcool (itens 13 e 14), e tabaco (itens 15 e 16), os comportamentos sexuais de risco (itens 17 e 18), e por fim, os hábitos alimentares e atividade física (itens 19 a 22).

Em relação às suas características psicométricas, após averiguada a sua consistência interna, o questionário apresentou um valor considerado aceitável de $\alpha= 0.77$ (Almeida & Freire, 2003).

Procedimentos de Recolha de Dados

Após terem sido aceites os pedidos de autorização para a utilização da versão portuguesa do Inventário do Clima Familiar, e o pedido de aplicação de questionários em meio escolar à Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência, a recolha dos dados foi efetuada entre maio, e junho de 2024. A amostra é não probabilística por conveniência (Marotti et al., 2008), isto é, os participantes foram selecionados de acordo com a sua disponibilidade e acesso do investigador e não por meios estatísticos. Para a recolha dos dados junto de jovens, foram contactadas duas escolas secundárias da cidade de Évora, onde apenas uma delas apresentou disponibilidade.

Após a obtenção dos consentimentos informados junto dos alunos e dos seus encarregados de educação (anexo 1), foram então aplicados os três questionários desta investigação (Questionário Sociodemográfico; Inventário do Clima Familiar (Francisco, 2015; Teodoro et al., 2009), e Questionário dos Comportamentos de Risco (Almodôvar & Pires, 2024), em contexto de sala de aula, com a presença dos seus respetivos diretores de turma.

Procedimentos de Análise

Os dados recolhidos foram então tratados estatisticamente através do programa *IBM SPSS Statistics*, de modo a analisar os dados obtidos através dos questionários aplicados. No Questionário Sociodemográfico, para a análise dos dados referentes à profissão dos pais, recorreu-se à Tabela de Classificação de Códigos de Profissões (IHSN, nd), dividida nos nove tópicos: Executivo, Legislativo e Quadros Superiores; Profissões Intelectuais; Profissões Intermediárias; Atividades Administrativas; Atividades de Serviço e Comércio; Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pesca; Artesãos e Trabalhadores Qualificados; Operadores de Máquinas e Equipamentos Pesados; e Profissionais Não Qualificados.

Primeiramente, antes da caracterização da amostra, foram invertidos os itens que se encontravam na negativa, de ambos os questionários. De seguida, foi então caracterizada a amostra através da análise descritiva do questionário sociodemográfico com cálculos de medidas descritivas tais como: média, mínimo/máximo, desvio-padrão e percentagens. Para além disto, o questionário de Comportamentos de Risco e o Inventário do Clima Familiar também foram analisados desta forma.

De seguida, foi analisada a normalidade, de forma a averiguar que tipo de testes a serem utilizados (*paramétricos* ou *não paramétricos*), com a utilização de testes adequados a amostras pequenas ($n < 100$). Foi, então, testada a hipótese de normalidade utilizando o teste de *Kolmogorov-Smirnov* com *correção de Lilliefors*, e o teste de *Shapiro-Wilk*, aplicados aos grupos etários, escolares, e de género. Feita a análise observou-se que, para os grupos considerados, não existia evidência estatística de que os dados seguissem uma distribuição normal ($p > .05$), tendo uma *significância* de .000 (Field, 2018). Assim optou-se pela utilização de *testes não paramétricos* (*Mann-Whitney* e *Correlação de Spearman*).

Efetuou-se assim, testes de *Mann-Whitney* de forma a verificar se existem diferenças significativas entre os comportamentos de risco e a percepção de clima familiar entre

indivíduos do género masculino e indivíduos do género feminino. De seguida, de modo a verificar possíveis correlações entre o apresentado nos questionários (Comportamentos de Risco/Clima Familiar) recorreu-se às *Correlações de Spearman*. Para os testes estatísticos realizados foi considerado o nível de significância $\alpha=0.05$, sendo que a H_0 seria rejeitada se $p\text{-value} \leq \alpha$.

Resultados

Nesta secção serão apresentados os resultados do estudo, pela mesma ordem dos objetivos apresentados anteriormente. Foi, primeiramente, necessário caracterizar os participantes tendo em conta o seu envolvimento em comportamentos de risco, de forma a perceber se a amostra recolhida, de uma forma geral, se envolve ou não em grande número nos diversos comportamentos de risco. Tendo assim uma melhor visão dos resultados obtidos nos tópicos seguintes.

Caracterização da amostra em relação aos Comportamentos de Risco

Após feita a sua análise descritiva de modo a caracterizar a amostra quanto ao seu envolvimento em Comportamentos de Risco, no geral, foi observado um baixo envolvimento por parte desta população ($M = 1.63$, $DP = .37$). Relativamente às questões em si, é de notar que questões relacionadas com o consumo de álcool, a ideação suicida, e os hábitos alimentares e a atividade física apresentaram percentagens mais elevadas. 12% dos alunos revelou “costumar consumir bebidas alcoólicas” frequentemente e muito frequentemente, tendo esta pergunta apresentado uma média ($M = 2.33$), havendo ainda 21.9% dos participantes a referir beber “ás vezes” mais de 3 bebidas alcoólicas num único dia. Já no que concerne a ideação suicida, percentagens entre 7 e 11% dos alunos mostrou ter pensamentos suicidas “frequentemente” e “muito frequentemente”, com a pergunta 7 (“Já fiz algo com a intenção de me magoar”), com uma percentagem de 7%, a pergunta 8 (“Penso muitas vezes que não vale a pena viver”), com uma percentagem acumulada de 11.5%, e a pergunta 9 (“Já pensei pôr fim à vida”), com uma percentagem acumulada de 8%. Já os hábitos alimentares e a atividade física mostram percentagens entre os 12% e os 19% onde os alunos referem “frequentemente” ou “muito frequentemente”, consumir alimentos com gorduras e excesso de sal, consumir muitos alimentos com açúcar, e preferir ficar em casa em vez de fazer exercício físico.

Objetivo 1. Identificar a Qualidade das relações familiares

Tendo em conta o primeiro objetivo, observar a percepção da qualidade das relações familiares dos jovens, foi efetuada uma análise descritiva, dividindo o Inventário do Clima Familiar pelos seus 4 fatores, Coesão, Conflito, Hierarquia e Apoio. Desta forma, observou-se no geral, uma percepção da qualidade do clima familiar bastante positiva por parte desta população. Observa-se então na tabela 1, que, primeiramente, em relação ao fator Coesão, este apresentou uma *média* elevada de 4.14 e um *desvio padrão* de .66. No Conflito, a média foi de 3.97 com um *desvio padrão* de .78. Já o fator da Hierarquia, apresentou os resultados mais baixos, com uma *média* de 3.26 e um *desvio padrão* de .63. Por fim, o fator Apoio apresentou uma *média* de 3.93 e um *desvio padrão* de .58.

Tabela 1

Medidas Descritivas do Fatores do ICF.

Fatores	N	Mínimo	Máximo	M	DP
<i>Coesão</i>	96	2.33	5.00	4.1458	.66458
<i>Conflito</i>	96	1.67	5.00	3.9705	.78099
<i>Hierarquia</i>	92	2.00	4.83	3.2591	.63109
<i>Apoio</i>	96	2.25	5.00	3.9349	.58292

Objetivo 2. Identificar as diferenças no envolvimento em comportamentos de risco em função do género.

No que diz respeito à observação das diferenças no envolvimento em comportamentos de risco em função do género, foi efetuado um teste de Mann-Whitney tendo em conta a natureza da distribuição dos dados. Assim, obteve-se um U de 1012.00, com um $p= .449$, não se verificando assim diferenças significativas entre o género feminino e o género masculino quanto ao seu envolvimento em comportamentos de risco. Pode-se apenas notar ligeiras diferenças em cada tipo de comportamento de risco, onde relativamente ao risco na segurança ($M=1.7$), à violência ($M=1.4$), ao consumo de substâncias ilícitas ($M=1.2$), álcool e tabaco ($M=1.8$), e comportamentos sexuais de risco ($M=1.5$), os

rapazes apresentam resultados ligeiramente mais elevados; por outro lado, na ideação suicida ($M=2.0$), nos hábitos alimentares de risco ($M=2.7$) e na falta de atividade física ($M=2.6$) são as raparigas que apresentam resultados mais elevados.

Objetivo 3. Identificar as diferenças na percepção do clima familiar em função do género

Para o terceiro objetivo realizou-se também um teste de Mann-Whitney para averiguar a existência de divergências entre os géneros, neste caso, quanto à sua percepção da qualidade do clima familiar. Pode-se verificar, então, na tabela 2 que, existem *diferenças significativas* ($U = 755$, $p = .022$) entre o género masculino e o género feminino em relação a esta variável, podendo dizer-se que a percepção do clima familiar difere consoante o género. De forma a aprofundar esta análise foi observada a existência de diferenças tendo em conta os quatro diferentes fatores do ICF. Aqui, verificaram-se *diferenças significativas* nos fatores Hierarquia ($p = .002$) e Apoio ($p = .035$), mostrando que a percepção da Hierarquia e do Apoio familiar difere consoante o género (tabela 2). Obtendo estes resultados, foram então averiguadas as médias correspondentes a cada grupo, de modo a observar qual destes possui uma melhor ou pior percepção. Observa-se na tabela 3, que os alunos do género masculino apresentam *médias* mais baixas ($M = 3.7$, $DP = .34$) que as colegas do género oposto ($M = 3.9$, $DP = .47$) no geral, com *médias* também mais baixas na percepção da Hierarquia ($M = 3.0$) e do Apoio ($M = 3.8$) quando comparados com as suas colegas com *médias* ($M = 3.4$), e ($M = 4.0$), respetivamente. Isto quer dizer que os rapazes apresentaram uma pior percepção da qualidade do seu clima familiar que as raparigas.

Tabela 2

Resultados dos Testes de Mann-Whitney para os fatores do ICF entre os níveis da variável Género.

	ICF_Média	Coesão	Conflito	Hierarquia	Apoio
U de Mann-Whitney	755.000	920.000	1075.000	650.500	855.500
Sig.	.022	.104	.634	.002	.035

Tabela 3

Médias descritivas relativas à variável Género tendo em conta o ICF e os seus fatores.

Género		ICF_Média	Coesão	Conflito	Hierarquia	Apoio
Feminino	<i>M</i>	3.8654	4.2296	3.9686	3.4575	4.0425
	<i>DP</i>	.47334	.69355	.85925	.61810	.53649
Masculino	<i>M</i>	3.7162	4.0426	3.9729	3.0122	3.8023
	<i>DP</i>	.34778	.61945	.68229	.56198	.61615
Total	<i>M</i>	3.7989	4.1458	3.9705	3.2120	3.9349
	<i>DP</i>	.42641	.66458	.78099	.36069	.58292

Objetivo 4. Observar se existe relação entre a percepção do clima familiar e o envolvimento em comportamentos de risco.

Para observar a existência de correlação entre as variáveis, percepção do clima familiar (*variável independente*) e o envolvimento em comportamentos de risco (*variável dependente*), e de acordo com as características da amostra, foram efetuadas Correlações de Spearman. Na tabela 4 evidenciam-se *correlações negativas*, ainda que fracas, entre os Comportamentos de Risco (CR) e a Qualidade do Clima Familiar, no que diz respeito aos fatores Coesão ($r = -.210$, $p = .041$) e Conflito ($r = -.256$, $p = .012$) (Pallant, 2005). É então possível verificar que conforme a Coesão familiar diminui, o envolvimento em Comportamentos de Risco aumenta, enquanto conforme a média da qualidade do clima familiar, relativamente ao fator Conflito, diminui, ou seja, quando existe mais conflito dentro da família, o envolvimento em Comportamentos de Risco também aumenta. Não foi possível verificar *correlações significativas* com os fatores Hierarquia e Apoio ($p < .05$). De forma a analisar mais profundadamente as possíveis correlações com os comportamentos de risco, foram observadas as *correlações* entre os quatro fatores do ICF e variados conjuntos de questões dirigidas aos diferentes tipos de comportamentos de risco. Foi então de notar, primeiramente, uma correlação negativa fraca, mas significativa, entre as questões relativas à ideação suicida, “Já fiz algo com a intenção de me magoar.”

($r = -.255$, $p = .012$), “Penso muitas vezes que não vale a pena viver.” ($r = -.229$, $p = .025$), e “Já pensei em pôr fim à vida” ($r = -.256$, $p = .012$), e os fatores Coesão e Conflito. Também se verificou uma *correlação negativa significativa* entre a questão 11 “Já consumi drogas pesadas (ex: ecstasy, LSD, cocaína ($r = -.202$, $p = .048$).”, e o fator Coesão. Para além disto, apesar de não existir nenhuma *correlação significativa* com os fatores Hierarquia e Apoio de uma forma geral, foi possível verificar uma *correlação negativa significativa* entre a questão 17 “Já tive relações sexuais com um/a desconhecido/a.” e o fator Hierarquia ($r = -.237$, $p = .023$), e ainda uma *correlação negativa significativa* entre a questão 3 “Costumo andar no veículo de alguém que está sob o efeito de álcool ou drogas.”, e o fator Apoio ($r = -.296$, $p = .003$). Não foram encontradas correlações significativas quanto a questões relacionadas com a violência e os hábitos alimentares e atividade física.

Tabela 4

Matriz de Correlações de Spearman entre as variáveis.

Variáveis	CR	Coesão	Conflito	Hierarquia	Apoio
CR	---				
Coesão	-.210*	---			
Conflito	-.256*	.520**	---		
Hierarquia	.007	.245*	.510*	---	
Apoio	.003	.580**	.215*	.006	---

* $p < .05$ ** $p < .01$

Discussão dos resultados

Considerando o que anteriormente foi exposto, torna-se necessário observar de que forma os resultados encontrados no presente estudo estão de acordo com outros estudos realizados sobre o tema.

Neste estudo, levado a efeito com uma amostra de jovens do Ensino Secundário pretendeu-se identificar a qualidade do clima familiar dos jovens, perceber as diferenças de género no envolvimento em comportamentos de risco e da sua percepção do clima familiar, e observar se existe relação entre a percepção do clima familiar e o envolvimento em comportamentos de risco.

Tendo em conta os resultados obtidos, nota-se que os alunos que participaram no estudo não têm, no geral, más percepções do seu clima familiar, e também não se envolvem

em comportamentos de risco a níveis elevados. Apesar disto, no que se refere aos Comportamentos de Risco, pode-se verificar que estes resultados vão de encontro à literatura quando olhamos para os níveis mais elevados encontrados. O consumo de álcool e a ideação suicida têm sido reportados nos últimos anos com percentagens preocupantes e em constante aumento, principalmente nesta faixa etária (Abreu et al., 2022; Hennenberger et al., 2021; Neves et al., 2021; Orri et al., 2020). Estes são então fatores a ter em atenção no que diz respeito não só à saúde física, mas também à saúde mental dos jovens de hoje.

Objetivo 1. Identificar a Qualidade das relações familiares

Já relativamente ao primeiro objetivo deste estudo, identificar a qualidade das relações familiares dos jovens, como já referido, esta amostra demonstra, no geral, uma boa percepção da qualidade do seu clima familiar. De acordo com a literatura, pode-se retirar destes resultados que estes jovens têm aqui um fator de proteção que promove o seu bem-estar e saúde mental, e pode prevenir o aparecimento de problemas tanto internalizantes como externalizantes (Duarte, 2022; Faus, 2022; Prioste et al., 2019).

Objetivo 2. Identificar as diferenças no envolvimento em comportamentos de risco em função do género.

Relativamente ao segundo objetivo, verificar se existem diferenças no envolvimento em comportamentos de risco em função do género, os resultados mostraram que nesta amostra não existem diferenças significativas entre os alunos do género masculino e as alunas do género feminino. Apesar de estes resultados irem contra a maioria da literatura redigida até aos dias de hoje, autores como Pozuelo (2022) e Gremmen (2019) obtiveram resultados semelhantes aos do presente estudo. Isto pode ser explicado pelo aumento do envolvimento em comportamentos de risco, antes mais praticados pelo género masculino, por parte das jovens do género feminino, estreitando assim as diferenças nos níveis de envolvimento em comportamentos como, o consumo de álcool e o consumo de tabaco (Cerqueira et al., 2019; Kapetanovic et al., 2017). Alguns autores, como Pengpid e Peltzer (2019) nomeiam a mudança dos papéis de género e das normas socioculturais na sociedade como a principal razão para este fenómeno. Apesar disto, é de notar que mesmo não sendo significativas, as diferenças no envolvimento em comportamentos de risco continuam a associar-se aos papéis de género na sociedade, com níveis mais elevados na violência, falta de segurança, e consumo de substâncias nos

rapazes, e ideação suicida e hábitos alimentares e atividade física nas raparigas (Figueiredo et al., 2018; Gavray et al., 2021; Lima, 2023).

Objetivo 3. Identificar as diferenças na percepção do clima familiar em função do género.

Pelo contrário, relativamente às diferenças na percepção da qualidade do clima familiar, os resultados mostraram que os rapazes possuem níveis significativamente mais baixos na qualidade do clima familiar, no geral, e nos fatores Hierarquia e Apoio, em particular. Autores como, Povedano-Diaz e os seus pares (2020), e Bica e os seus colaboradores (2020), obtiveram resultados contrários a este, referindo que os rapazes apresentaram maior satisfação em relação ao seu ambiente familiar quando comparados com as colegas do género feminino. Apesar disto, outra literatura pode-nos trazer a explicação para estes resultados contraditórios, e esta volta a passar pelos papéis e normas de género. A Hierarquia, referindo-se às diferenças de poder dentro da família, e o Apoio, que se refere ao suporte emocional dado pela família, podem ter um impacto diferente nos alunos do género masculino devido à socialização de género dentro da família, e aos papéis que são instituídos aos rapazes por parte dos que os rodeiam (Skinner et al., 2022). A masculinidade é algo que está normalmente associada à hierarquia, e às expectativas de independência, autoridade e liderança dentro de um grupo, existindo mesmo dentro do grupo familiar, podendo aqui levar os rapazes a perceber este fator como uma afronta à sua própria independência e autoridade (Carter, 2014). Para além disto, relativamente ao apoio emocional, a percepção da família sobre a masculinidade do adolescente, e a sua própria percepção sobre a mesma, pode levar os alunos a não expressar e a não se sentir tão conectados emocionalmente aos membros da sua família como as suas colegas do género feminino, que são normalmente vistas como o género “mais emocional” (Arnold, 2022; Di Bianca et al., 2022).

Objetivo 4. Observar se existe relação entre a percepção do clima familiar e o envolvimento em comportamentos de risco.

Por fim, acerca da relação entre a percepção do clima familiar e o envolvimento em comportamentos de risco, os resultados mostram dois pontos fundamentais a serem discutidos. Primeiramente, a relação inversa entre o envolvimento em Comportamentos de Risco e o Conflito Familiar, sendo que quanto mais elevada é a qualidade do clima familiar, no que a ele diz respeito (existe menos conflito), menor o envolvimento nestes

comportamentos. Esta é uma relação já vastamente discutida na literatura, e estes resultados mostram-se consistentes com a mesma. Autores como, Neves (2021), Banstola (2020), Chen (2023) e Pinheiro-Carozzo (2020), têm referido o conflito familiar como uma possível influência para o desenvolvimento de problemas nos jovens, onde nestes se insere o envolvimento em comportamentos de risco. Comportamentos de Risco bastante citados quando relacionados com o conflito familiar são os comportamentos suicidários, e a ideação suicida, relação que também se pode observar nos resultados deste mesmo estudo (Chu et al., 2020; Felipe et al., 2020; Low, 2021). Desta forma, como já foi referido anteriormente, não só é de notar o aumento da ideação suicida no meio mais jovem, mas também o impacto que os conflitos familiares têm nesta.

Não só os Conflitos mostraram esta correlação negativa, a Coesão familiar também apareceu com uma correlação negativa significativa não só com a ideação suicida, como com o envolvimento em comportamentos de risco no geral. A coesão, caracterizando-se pelos laços emocionais entre os membros da família, tem sido associada à prevenção de comportamentos disruptivos e à promoção do bem-estar dos jovens (LangdonDaly et al., 2017 citado em Garcia, 2022). Quando o contrário acontece, ou seja, os níveis de coesão familiar são baixos, pode influenciar o desenvolvimento de problemas emocionais, e por sua vez ao aumento no envolvimento em comportamentos de risco, destacando-se, no que diz respeito a este estudo, a ideação suicida, já referida, e o consumo de substâncias ilícitas (drogas pesadas) (Correia, 2023; Das et al., 2016, citado em Santos Oliveira, 2021). Desta forma, pode-se concluir que a falta de ligação emocional dentro da família, pode dar origem à procura de um “escape” por parte dos jovens, sendo estes mais internalizados, como os pensamentos suicidas, ou mais externalizados, como o consumo de substâncias ilícitas.

Conclusões

Resumindo, as evidências reveladas por este estudo, correspondem aos objetivos propostos, e à literatura já existente, de uma forma, ou de outra. Foi possível verificar que a qualidade das relações familiares se mostra positiva relativamente à percepção dos jovens eborenses, demonstrando também pouco envolvimento em comportamentos de risco, levando aqui à correlação significativa que estas variáveis têm entre si, uma maior qualidade do clima familiar, pode levar a um menor envolvimento em comportamentos que colocam a saúde dos jovens em risco. Apesar disto, não foi possível encontrar uma correlação entre os fatores Hierarquia e Apoio e os comportamentos de risco na sua

generalidade. Quanto às diferenças de género, não foi possível encontrar diferenças significativas no que toca aos comportamentos de risco, mas foi de facto, possível encontrar estas diferenças na percepção do clima familiar, mostrando que, ao contrário do que a maioria da literatura tem mostrado até hoje, os rapazes podem ter uma maior sensibilidade ao seu clima familiar.

Os resultados deste estudo apresentam relevância, primeiramente, em termos teóricos, pois aprofunda o conhecimento sobre o impacto que o clima familiar e a qualidade deste pode ter no desenvolvimento dos jovens, em relação ao seu envolvimento em comportamentos que põe a sua saúde em risco. Ao utilizar o Inventário do Clima Familiar (Francisco, 2015; Teodoro et al., 2009), foi possível diferenciar os fatores do clima familiar que mais podem afetar os jovens, podendo chegar à conclusão de que principalmente a Coesão e o Conflito familiar são fatores que têm impacto nos jovens e no seu envolvimento em Comportamentos de Risco. Foi possível ainda, verificar que o consumo de álcool e a ideação suicida continuam a ser questões preocupantes junto dos jovens portugueses. Para além disto, foi aprofundado o conhecimento sobre as diferenças entre o género feminino e o género masculino, e neste caso, também sobre a sua diminuição relativamente aos comportamentos de risco. Foi possível ainda explorar a percepção que os jovens do género masculino têm sobre o clima familiar em que se inserem, e como esta difere das suas colegas do género feminino.

Em termos práticos, com este estudo, foi possível obter alguma informação que poderá ser útil para a intervenção dos psicólogos junto, não só dos jovens, mas também das suas famílias quando se diz respeito à prevenção do envolvimento em comportamentos de risco. Nas práticas de prevenção, é importante ter em atenção a ideação suicida quando aos comportamentos de risco diz respeito, e não só aos normalmente abordados consumos excessivos. Para além disto, junto das famílias, é importante, sensibilizar para a importância de um clima familiar estável e seguro, e trabalhar a resolução de conflitos e a importância do apoio emocional.

Limitações e Estudos Futuros

Devem ser tidas em atenção algumas limitações que este estudo apresenta. Primeiramente, a amostra, a utilização de uma amostra por conveniência, que por sua vez acabou por abranger apenas uma escola, com um número limitado de turmas devido à sua disponibilidade, diminuiu em grande número a amostra desejada. Desta forma, devido ao pequeno número da amostra não é possível extrapolar os resultados obtidos neste estudo

para a população geral, nem obter resultados mais significativos. Para além disto, tendo em conta as suas características de autorrelato, e o facto de os questionários terem sido aplicados em contexto de sala de aula, deverá ter se ainda em conta o fator da desejabilidade social. Ainda neste aspetto, a sua aplicação em contexto de turma, e a falta de privacidade na resposta, poderá ter despoletado alguma agitação e falta de atenção por parte de alguns dos participantes, pelo que as suas respostas podem ter sido afetadas. Por último, deve ser tido em conta que poderão existir outras variáveis que não foram consideradas neste estudo, e estejam a influenciar os resultados obtidos.

É ainda de notar que o Inventário do Clima Familiar, possui uma disposição do fator Conflito que produz alguma confusão quando analisado, pois, a nomeação do fator remete para a existência de um maior conflito familiar quando a sua média é mais elevada, o que não é o caso, visto que, tendo em conta os polos positivo e negativo, o inventário está cotado pela positiva em todos os seus fatores (médias mais elevadas, significam melhor qualidade do clima familiar).

Tendo as limitações deste estudo em conta, estudos futuros devem, primeiramente, alargar a amostra de forma a abranger uma maior quantidade de adolescentes e também uma maior diversidade dos mesmos, de forma a ser possível obter resultados mais robustos e que representem a população de jovens portugueses. Através dos resultados obtidos neste estudo, seria também interessante que, no futuro se explorasse a percepção que os jovens têm atualmente sobre os comportamentos de risco de forma a perceber esta diminuição no seu envolvimento. Apesar disto, neste aspetto, seria importante aprofundar a investigação sobre os jovens portugueses e a ideação suicida, e explorar as razões para o seu constante aumento, para além da qualidade do clima familiar. Para além disto, seria pertinente observar a percepção dos pais tanto sobre os comportamentos dos seus filhos, como do seu clima familiar, de forma a entender o lado da parentalidade em relação a estas questões.

Referências bibliográficas

- Alarcão, M. (2006). (Des) Equilíbrios familiares: uma revisão sistémica. Coimbra: Quarteto. <http://hdl.handle.net/10849/34>
- Almeida, L. & Freire, T. (2003). Metodologia da investigação em Psicologia e Educação. Braga: Psiquilibrios.
- Alves, D. M., Almeida, L. M., & Fernandes, H. M. (2017). Estilos de vida e autoconceito: um estudo comparativo em adolescentes. *Revista Iberoamericana de psicología del ejercicio y el deporte*, 12(2), 237-247. https://www.researchgate.net/publication/317167972_Estilos_de_vida_e_autoconceito_Um_estudo_comparativo_em_adolescentes
- Arnold, T. J. (2022). Boys don't cry: the problem of enforcing traditional gender norms on children. *magnificat*, 70. Marymount University.
- Banstola, R. S., Ogino, T., & Inoue, S. (2020). Self-esteem, perceived social support, social capital, and risk-behavior among urban high school adolescents in Nepal. *SSM-population health*, 11, 100570.
- Benito-Gomez, M., Williams, K. N., McCurdy, A., & Fletcher, A. C. (2020). Autonomy-supportive parenting in adolescence: Cultural variability in the contemporary United States. *Journal of Family Theory & Review*, 12(1), 7-26.
- Bernardo, L. G. A. (2023). Contexto familiar de adolescentes em conflito com a lei: uma perspectiva acerca do trabalho no Centro de Referência Especializado de Assistência Social-CREAS. <http://localhost:8080/jspui/handle/10.31.16.45/438>
- Björnberg, Å., & Nicholson, N. (2007). The family climate scales—Development of a new measure for use in family business research. *Family Business Review*, 20(3), 229-246.
- Bozzini, A. B., Bauer, A., Maruyama, J., Simões, R., & Matijasevich, A. (2020). Factors associated with risk behaviors in adolescence: a systematic review. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 43, 210-221.
- Brener, N. D., Kann, L., Kinchen, S. A., Grunbaum, J. A., Whalen, L., Eaton, D., Hawkins, J., & Ross, J. G. (2004). Methodology of the youth risk behavior surveillance system. MMWR. Recommendations and reports: Morbidity and mortality weekly report. Recommendations and reports, 53, 1–13.
- Brondani, R. P., & Arpini, D. M. (2019). Violência e transgeracionalidade: relações familiares de jovens que cumprem medidas socioeducativas. *Pensando famílias*, 23(2), 256-270.
- Bronfenbrenner, U. (1979). The ecology of human development: Experiments by nature and design. Cambridge, Massachusetts, MA: Harvard University Press.

Calado, V. & Lavado, E. (2020) – ECATD-CAD 2019. Estudo sobre os Comportamentos de Consumo de Álcool, Tabaco, Drogas e outros Comportamentos Aditivos e Dependências: Portugal 2019. Relatório Nacional, Lisboa: SICAD.

Camacho, I. N. M. (2011). *A influência da família na saúde e nos comportamentos de risco nos adolescentes portugueses* [Dissertação de Doutoramento]. Universidade Técnica de Lisboa (Portugal). <http://hdl.handle.net/10400.5/3797>

Carapinha, L., Calado, V., & Neto, H. (2023). Inquérito aos jovens participantes no Dia da Defesa Nacional–2022-Consumos de Substâncias Psicoativas. SICAD. <http://hdl.handle.net/10400.26/51046>

Carter, M. J. (2014). Gender socialization and identity theory. *Social sciences*, 3(2), 242-263.

Castro, J. F. D., Almeida, C. M. T., & Rodrigues, V. M. C. P. (2020). A (des) educação contraceptiva dos jovens universitários. *Acta Paulista de Enfermagem*, 33, eAPE201901306.

Cerqueira, A., Gaspar, T., Guedes, F. B., Madeira, S. A. G., & Matos, M. G. D. (2019). Sofrimento Psicológico, consumo de tabaco, álcool e outros fatores psicossociais em adolescentes portugueses. Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/38396>

Chen, M., Zhou, Y., Luo, D., Yan, S., Liu, M., Wang, M., ... & Liu, L. Z. (2023). Association of family function and suicide risk in teenagers with a history of self-harm behaviors: mediating role of subjective wellbeing and depression. *Frontiers in public health*, 11, 1164999.

Chu, J., Maruyama, B., Batchelder, H., Goldblum, P., Bongar, B., & Wickham, R. E. (2020). Cultural pathways for suicidal ideation and behaviors. *Cultural diversity and ethnic minority psychology*, 26(3), 367. <https://doi.org/10.1037/cdp0000307>

Ciranka, S., & van den Bos, W. (2021). Adolescent risk-taking in the context of exploration and social influence. *Developmental Review*, 61, 100979.

Clayton, H. B. (2023). Dating violence, sexual violence, and bullying victimization among high school students—Youth risk behavior survey, United States, 2021. *MMWR supplements*, 72.

Correia, P. M. F. (2023). *O papel do desenvolvimento da identidade e da identificação com a família na relação entre o funcionamento familiar e a diversidade de comportamentos autolesivos na adolescência* [Tese de Doutoramento]. Repositório do ISPA. <http://hdl.handle.net/10400.12/9467>

Crocetti, E., Branje, S., Rubini, M., Koot, H. M., & Meeus, W. (2017). Identity processes and parent-child and sibling relationships in adolescence: A five-wave multi-informant longitudinal study. *Child development*, 88(1), 210-228. <https://doi.org/10.1111/cdev.12547>

da Silva Ramos, A. C. (2016). *A estrutura familiar: que reflexos nos comportamentos sociais da criança?* [Dissertação de Mestrado]. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti (Portugal). <http://hdl.handle.net/20.500.11796/2288>

Das, J. K., Salam, R. A., Arshad, A., Finkelstein, Y., & Bhutta, Z. A. (2016). Interventions for adolescent substance abuse: An overview of systematic reviews. *Journal of Adolescent Health*, 59(4), S61-S75. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2016.06.021>

David-Ferdon, C., Clayton, H. B., Dahlberg, L. L., Simon, T. R., Holland, K. M., Brener, N., Matjasko, J., D'Inverno, A., Robin, L. & Gervin, D. (2021). Vital signs: prevalence of multiple forms of violence and increased health risk behaviors and conditions among youths—United States, 2019. *Morbidity and Mortality Weekly Report*, 70(5), 167.

Davoren MP, Dahly D, Shiley F, Perry IJ. Alcohol consumption among university students: a latent class analysis. *Drug Educ (Abingdon Engl)*. 2018;25(5):422-30. <https://doi.org/10.1080/09687637.2017.1290787>

de Abreu, T. B., & Martins, M. D. G. T. (2022). A presença de ideação suicida em adolescentes e terapia cognitivo-comportamental na intervenção: um estudo de campo. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 8(5), 1341-1362.

de Andrade, S. C., Previdelli, A. N., Cesar, C. L. G., Marchioni, D. M. L., & Fisberg, R. M. (2016). Trends in diet quality among adolescents, adults and older adults: A population-based study. *Preventive medicine reports*, 4, 391-396. <https://doi.org/10.1016/j.pmedr.2016.07.010>

de Oliveira, D., Siqueira, A. C., Dell'Aglio, D. D., & Lopes, R. D. C. S. (2008). Impacto das configurações familiares no desenvolvimento de crianças e adolescentes: Uma revisão da produção científica. *Interação em Psicologia*, 12(1).

Di Bianca, M., & Mahalik, J. R. (2022). A relational-cultural framework for promoting healthy masculinities. *American Psychologist*, 77(3), 321.

Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspetiva sistémica – o processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão E Desenvolvimento*, (19), 139-156. Universidade Católica Portuguesa. <http://hdl.handle.net/10400.14/9176>

Dittus, P. J., Michael, S. L., Becasen, J. S., Gloppen, K. M., McCarthy, K., & Guilamo-Ramos, V. (2015). Parental Monitoring and Its Associations With Adolescent Sexual Risk Behavior: A Meta-analysis. *Pediatrics*, 136(6), e1587–e1599. <https://doi.org/10.1542/peds.2015-0305>

dos Santos Oliveira, A. (2021). *O funcionamento familiar, a identificação grupal e o consumo de substâncias em adolescentes* [Dissertação de Mestrado] Instituto Superior de Psicologia Aplicada (Portugal). <http://hdl.handle.net/10400.12/8574>

- Duarte, M. I. N. T. (2022). *Parentalidade e comportamentos de risco na adolescência* [Dissertação de Mestrado]. Repositório do ISPA. <http://hdl.handle.net/10400.12/8816>
- Erikson, E. H. (1968). Identity, youth, and crisis. New York: Norton.
- Faus, D. P. (2022). Violência familiar na infância, violência no namoro e saúde mental na adolescência [Dissertação de Doutoramento]. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/18006>
- Felipe, A. O. B., Resck, Z. M. R., Bressan, V. R., Vilela, S. D. C., Fava, S. M. C. L., & Moreira, D. D. S. (2020). Autolesão não suicida em adolescentes: Terapia Comunitária Integrativa como estratégia de partilha e de enfrentamento. *SMAD. Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas*, 16(4), 75-84. <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2020.155736>
- Field, A. (2018). *Discovering Statistics Using IBM SPSS Statistics* (5th ed.). London: Sage Publications.
- Figueiredo, A., Maior, M. V., Sousa, S., Ribeiro, E., & Cordeiro, L. (2018). Comportamentos de risco em adolescentes: estudo exploratório centrado nas diferenças entre rapazes e raparigas. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 9(2), 93-102. <http://hdl.handle.net/11067/4791>
- Francisco, R. (2015). Inventário do Clima Familiar: Versão para investigação. Lisboa: Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa.
- Freire, G. C. D. S. D. C. (2020). *O papel da família e dos pares em trajetórias de risco e conflito: a perspetiva de jovens* [Dissertação de Doutoramento]. Universidade Católica Portuguesa. <http://hdl.handle.net/10400.14/32697>
- Gabaldá, M. K., Thompson, M. P., & Kaslow, N. J. (2010). Risk and protective factors for psychological adjustment among low-income, African American children. *Journal of Family Issues*, 31(4), 423-444. <https://doi.org/10.1177/0192513X09348488>
- Garcia, F. M. P. (2022). *Funcionamento familiar e o comportamento desviante no adolescente: a mediação da percepção de risco e percepção de falso self* [Dissertação de Mestrado]. Instituto Superior de Psicologia Aplicada (Portugal). <http://hdl.handle.net/10400.12/8959>
- Gaspar, T., Guedes, F. B., Cerqueira, A., Matos, M. G. de, & Equipa Aventura Social. (2022). A saúde dos adolescentes portugueses em contexto de pandemia - Dados nacionais do estudo HBSC 2022. https://aventurasocial.com/wp-content/uploads/2022/12/HBSC_RelatórioNacional_2022-1.pdf
- Gavray, C., & Boulard, A. (2021). Depressive mood and violent behaviour among teenagers: a gender dynamic approach to the study of stressor effects. *Psychology*, 12(5).

- Halfon, N., Forrest, C. B., Lerner, R. M., & Faustman, E. M. (2018). Handbook of life course health development.
- Halimi, M., Davis, S. N., & Consuegra, E. (2021). The power of peers? early adolescent gender typicality, peer relations, and gender role attitudes in Belgium. *Gender Issues*, 38(2), 210–237. <https://doi.org/10.1007/s12147-020-09262-3>.
- Henneberger, A. K., Mushonga, D. R., & Preston, A. M. (2021). Peer influence and adolescent substance use: A systematic review of dynamic social network research. *Adolescent Research Review*, 6, 57-73. <https://doi.org/10.1007/s40894-019-00130-0>
- Internation Household Survey Network (n.d). Tabela de Classificação de Códigos de Profissões. Recuperado de <https://catalog.ihsn.org/index.php/catalog/6252/download/76946>
- Jorge, K. O., Ferreira, R. C., Ferreira, E. F., Zarzar, P. M., Pordeus, I. A., & Kawachi, I. (2018). Peer group influence and illicit drug use among adolescent students in Brazil: A cross-sectional study. *Cadernos de Saúde Pública*, 34(3). <https://doi.org/10.1590/0102-311x00144316>
- Kapetanovic, S., Bohlin, M., Skoog, T., & Gerdner, A. (2017). Structural relations between sources of parental knowledge, feelings of being overly controlled and risk behaviors in early adolescence. *Journal of Family Studies*, 26(2), 226–242. <https://doi.org/10.1080/13229400.2017.136771>
- Karim, Q. A., Baxter, C., & Birx, D. (2017). Prevention of HIV in adolescent girls and young women: key to an AIDS-free generation. *JAIDS Journal of Acquired Immune Deficiency Syndromes*, 75, S17-S26. <https://doi.org/10.1097/QAI.0000000000001316>
- Kurdek, L. A., Fine, M. A., & Sinclair, R. J. (1995). School Adjustment in Sixth Graders: Parenting Transitions, Family Climate, and Peer Norm Effects. *Child Development*, 66, 430-445. <https://psycnet.apa.org/doi/10.2307/1131588>
- Le Breton, D. (2009). *Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*. Autores Associados.
- Leusin, J. F., Petrucci, G. W., & Borsa, J. C. (2018). Clima Familiar e os problemas emocionais e comportamentais na infância. *Revista da SPAGESP*, 19(1), 49-61.
- Lima, M. G. (2023). *Exploração de fatores de risco associados à existência de consumo de substâncias e perturbações de humor*. Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/64900>
- Low, Y. T. A. (2021). Family conflicts, anxiety and depressive symptoms, and suicidal ideation of Chinese adolescents in Hong Kong. *Applied Research in Quality of Life*, 16(6), 2457-2473. <https://doi.org/10.1007/s11482-021-09925-7>

- Marotti, J., Galhardo, A. P. M., Furuyama, R. J., Pigozzo, M. N., Campos, T. D., & Laganá, D. C. (2008). Amostragem em pesquisa clínica: tamanho da amostra. *Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo*, 20(2), 186-194.
- Minuchin, S. (1990). Famílias: Funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1966)
- Mota, C. P., & Matos, P. M. (2009). Apego, conflito e auto-estima em adolescentes de famílias intactas e divorciadas. *Psicologia: reflexão e crítica*, 22, 344-352. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000300004>
- Moura, L. R. D., Torres, L. M., Cadete, M. M. M., & Cunha, C. D. F. (2018). Fatores associados aos comportamentos de risco à saúde entre adolescentes brasileiros: uma revisão integrativa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 52, e03304. doi:[10.1590/s1980-220x2017020403304](https://doi.org/10.1590/s1980-220x2017020403304)
- National Survey on Drug Use and Health (NSDUH) Releases.* (2022). <https://www.samhsa.gov/data/release/2022-national-survey-drug-use-and-health-nsduh-releases>
- Nawi, A. M., Ismail, R., Ibrahim, F., Hassan, M. R., Manaf, M. R. A., Amit, N., Ibrahim, N., & Shafurdin, N. S. (2021). Risk and protective factors of drug abuse among adolescents: a systematic review. *BMC public health*, 21(1), 2088. <https://doi.org/10.1186/s12889-021-11906-2>
- Neves, J. V. V. D. S., Carvalho, L. A. D., Carvalho, M. A. D., Silva, É. T. C., Alves, M. L. T. S., Silveira, M. F., Silva, R. R. V. & Almeida, M. T. C. (2021). Alcohol use, family conflicts and parental supervision among high school students. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26, 4761-4768. <https://doi.org/10.1590/1413-812320212610.22392020>
- Newman, B. M., & Newman, P. R. (2020). *Theories of adolescent development*. Academic Press.
- Olson, D. H. (1985). FACES III; Family adaptability and cohesion evaluation scale. *Family social science*. St. Paul: University of Minnesota.
- Orri, M., Scardera, S., Perret, L. C., Bolanis, D., Temcheff, C., Séguin, J. R., Boivin, M., Turecki, G., Tremblay, R. E., Côté, S. M., & Geoffroy, M. C. (2020). Mental Health Problems and Risk of Suicidal Ideation and Attempts in Adolescents. *Pediatrics*, 146(1), e20193823. <https://doi.org/10.1542/peds.2019-3823>
- Paixão, R. F., Patias, N. D., & Dell'Aglio, D. D. (2018). Relações entre violência, clima familiar e transtornos mentais na adolescência. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 11(1), 101-122.

- Pallant, J. (2005). SPSS Survival Manual: a step by step guide to data analysis using SPSS. (2nd ed.). New York: Open University Press.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2001). O mundo da criança (8^a ed.). Lisboa: McGraw Hill.
- Pengpid, S., & Peltzer, K. (2019). High alcohol use and misuse in a representative sample of in-school adolescents in the Seychelles. *Journal of Psychology in Africa*, 29(5), 505–510. <https://doi.org/10.1080/14330237.2019.1677058>
- Pinheiro-Carozzo, N. P., Silva, I. M. D., Murta, S. G., & Gato, J. (2020). Intervenções familiares para prevenir comportamentos de risco na adolescência: possibilidades a partir da Teoria Familiar Sistêmica. *Pensando famílias*, 24(1), 207-223. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100015&lng=pt&tlang=pt.
- Povedano-Diaz, A., Muñiz-Rivas, M., & Vera-Perea, M. (2020). Adolescents' life satisfaction: The role of classroom, family, self-concept and gender. *International journal of environmental research and public health*, 17(1), 19.
- Prioste, A., Tavares, P., & Magalhães, E. (2019). Tipologias de funcionamento familiar: Do desenvolvimento identitário à perturbação emocional na adolescência e adultez emergente. *Análise Psicológica*, 37(2), 173-192. <http://hdl.handle.net/10400.12/7108>
- Rapee, R. M., Oar, E. L., Johnco, C. J., Forbes, M. K., Fardouly, J., Magson, N. R., & Richardson, C. E. (2019). Adolescent development and risk for the onset of social-emotional disorders: A review and conceptual model. *Behaviour research and therapy*, 123, 103501. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2019.103501>
- Reis, D. M., Prata, L. C. G., & Parra, C. R. (2018). O impacto da violência intrafamiliar no desenvolvimento psíquico infantil. *Psicologia. pt*, 1(1), 1-20.
- Rusby, J. C., Light, J. M., Crowley, R., & Westling, E. (2018). Influence of parent-youth relationship, parental monitoring, and parent substance use on adolescent substance use onset. *Journal of family psychology : JFP : journal of the Division of Family Psychology of the American Psychological Association (Division 43)*, 32(3), 310–320. <https://doi.org/10.1037/fam0000350>
- Santos, O. T., Silva, I., & Meneses, R. (2008). Comportamentos de saúde, comportamentos de risco e envolvimento dos jovens com a escola e a família: Adaptação do YRBS para Portugal. In I. Leal, J. L. P. Ribeiro, I. Silva, & S. Marques (Eds.), *Actas do 7º Congresso de Psicologia da Saúde - Intervenção em psicologia da saúde* (pp. 495- 498). Lisboa: ISPA.
- Sieving, R. E., McRee, A. L., McMorris, B. J., Shlafer, R. J., Gower, A. L., Kapa, H. M., Beckman, K. J., Doty, J. L., Plowman, S. L., & Resnick, M. D. (2017). Youth-Adult Connectedness: A Key Protective Factor for Adolescent Health. *American*

journal of preventive medicine, 52(3 Suppl 3), S275–S278.
<https://doi.org/10.1016/j.amepre.2016.07.037>

Silva, A. R., Melo, O., & Mota, C. P. (2016). Suporte social e individuação em jovens de diferentes configurações familiares. *Temas em Psicologia*, 24(4), 1311-1327 doi: 10.9788/TP2016.4-07.

Skinner, O. D., & McHale, S. M. (2022). Family Gender Socialization in Childhood and Adolescence. In *Gender and sexuality development: Contemporary theory and research* (pp. 233-253). Cham: Springer International Publishing.
https://doi.org/10.1007/978-3-030-84273-4_8

Soenens, B., Vansteenkiste, M., Van Petegem, S., Beyers, W., & Ryan, R. (2017). *How to solve the conundrum of adolescent autonomy?* In Soenens, B., Vansteenkiste, M., & Van Petegem, S. (2017) *Autonomy in adolescent development*. Taylor & Francis.

Souza, M. S., Baptista, A. S. D., Baptista, M. N. (2015). Relação entre suporte familiar, saúde mental e comportamentos de risco em estudantes universitários. *Acta Colombiana de Psicología*, 13(1), 143-154.

Teixeira, P. R. C. (2017). *O conhecimento dos alunos do ensino secundário sobre os factores de risco para doenças cardiovasculares* (Projeto de Graduação, Universidade Fernando Pessoa). <http://hdl.handle.net/10284/6300>

Teixeira, R. A. J. (2021). *Conhecimentos e atitudes dos adolescentes face à sexualidade em contexto escolar em tempo de pandemia (COVID 19)* [Dissertação de Mestrado] Instituto Politecnico de Viseu. <http://hdl.handle.net/10400.19/7244>

Teodoro, M. L. M., Allgayer, M., & Land, B. (2009). Desenvolvimento e validade fatorial do Inventário do Clima Familiar (ICF) para adolescentes. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 11(3), 27-39.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872009000300004&lng=pt&tlang=pt.

Thomas, P. A., Liu, H., & Umberson, D. (2017). Family relationships and well-being. *Innovation in aging*, 1(3). <https://doi.org/10.1093/geroni/igx025>

Tsitsimpikou, C., Tsarouhas, K., Vasilaki, F., Papalexis, P., Dryllis, G., Choursalas, A., Spandidos, D. A., Tsatsakis, A., Charvalos, E., & Bacopoulou, F. (2018). Health risk behaviors among high school and university adolescent students. *Experimental and therapeutic medicine*, 16(4), 3433–3438.
<https://doi.org/10.3892/etm.2018.6612>

Ullrich, R., Becker, M., & Scharf, J. (2022). The development of gender role attitudes during adolescence: Effects of sex, socioeconomic background, and cognitive abilities. *Journal of Youth and Adolescence*, 51(11), 2114-2129.
<https://doi.org/10.1007/s10964-022-01651-z>

- Vijayakumar, N., de Macks, Z. O., Shirtcliff, E. A., & Pfeifer, J. H. (2018). Puberty and the human brain: Insights into adolescent development. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 92, 417-436.
- World Health Organization. (2014). Preventing suicide: a global imperative. Recuperado de http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/131056/1/9789241564779_eng.pdf.
- Zappe, J. G., Alves, C. F., & Dell'Aglio, D. D. (2018). Comportamentos de Risco na Adolescência: Revisão Sistemática de Estudos Empíricos. *Psicologia Em Revista*, 24(1), 79–100. <https://doi.org/10.5752/p.1678-9563.2018v24n1p79-100>
- Zhang, Y. Y., Lei, Y. T., Song, Y., Lu, R. R., Duan, J. L., & Prochaska, J. J. (2019). Gender differences in suicidal ideation and health-risk behaviors among high school students in Beijing, China. *Journal of global health*, 9(1).

Anexos

Anexo 1.

Declaração de Consentimento Informado

Eu, Isabel Almodôvar, gostaria de solicitar a sua participação numa investigação que está a decorrer no âmbito da minha dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação no Departamento de Psicologia da Universidade de Évora, sob a orientação da Profª Doutora Heldemerina Pires. Este estudo pretende observar a influência da qualidade das relações familiares no envolvimento dos adolescentes em comportamentos de risco.

A participação do/a seu/sua educando/a nesta investigação seria muito importante e valiosa, e consistiria no preenchimento de um conjunto de três questionários (Questionário Sociodemográfico; Inventário do Clima Familiar; e Questionário de Comportamentos de Risco). A escola deu o seu consentimento para esta recolha de dados junto dos seus alunos. Esta participação é de carácter voluntário, e o/a seu/educando/a poderá desistir do preenchimento dos questionários em qualquer momento, se o desejar. Esta participação contribuirá para sabermos mais sobre o envolvimento em comportamentos de risco dos jovens portugueses e para futuramente se poderem depois preparar intervenções que melhor favoreçam a prevenção e a intervenção no âmbito destes comportamentos, e que tenham em conta a importância da família neste processo.

Garantimos o respeito pela confidencialidade e anonimato das respostas, utilizaremos os dados apenas para fins de análise estatística das respostas do conjunto dos participantes (e não de nenhum participante em particular) e de investigação.

Estarei disponível para esclarecimento de quaisquer dúvidas acerca da investigação que queiram colocar, através do e-mail: m53333@alunos.uevora.pt

Agradecemos a vossa disponibilidade e colaboração.

Data.....

A investigadora, Isabel Almodôvar

Eu, _____, declaro
estar a par das informações acerca desta investigação e que me foi dada a oportunidade
para esclarecer dúvidas, e autorizo que o/a meu/minha educando/a
_____ participe na referida
investigação.

_____(assinatura)

Para alunos maiores de 18 anos:

Eu, _____, declaro
estar a par das informações acerca desta investigação, que me foi dada a oportunidade
para esclarecer dúvidas e aceito participar na referida investigação.

_____(assinatura)

Anexo 2.

Mestrado em Psicologia | Psicologia da Educação

Ano letivo 2023/2024

PROTOCOLO DE RECOLHA DE DADOS

Isabel Cristina da Silva Almodôvar

Orientadora: Prof^a Doutora Heldemerina Samutelela Pires

Protocolo de Recolha de Dados

No âmbito da realização da minha dissertação de mestrado em Psicologia, Ramo Psicologia da Educação, na Universidade de Évora, estou a levar a cabo um estudo sobre a qualidade das relações familiares e os comportamentos de risco em adolescentes.

Os questionários que se seguem têm a finalidade de reunir informação sobre os comportamentos de risco em que se envolvem os jovens, e a qualidade dinâmica das suas relações familiares.

A tua colaboração no estudo é voluntária e os dados que disponibilizares serão mantidos anónimos e confidenciais.

Peço que leias atentamente e que respondas a todas as questões, sem deixares nenhuma em branco. Não há respostas certas nem erradas, somente importa o que é verdadeiro no teu caso. Se tiveres alguma dúvida, por favor pergunta.

Muito obrigada pela tua colaboração!

Isabel Almodôvar

Questionário 1

Questionário sociodemográfico, (Almodôvar & Pires, 2024)

1. Idade: _____ 2. Ano de Escolaridade: _____

3. Sexo: Feminino Masculino

4. Vives com: Pai e Mãe Pai Mãe

Pai e madrasta

Mãe e padastro

Outros Quem? _____

Tens irmãs/os? Não Sim Quantos? _____

5. Habilidades literárias do pai: _____

6. Habilidades literárias da mãe: _____

7. Profissão do pai: _____

8. Profissão da mãe: _____

Questionário 2

Inventário do Clima Familiar (ICF)

(Teodoro et al., 2009; versão portuguesa Francisco, 2015)

Este questionário aborda um tema sobre o qual todos nós temos muito a dizer: **a nossa família**. Gostaríamos de te pedir que penses sobre o(s) membro(s) da tua família e sobre a forma como eles, geralmente, se relacionam.

Abaixo estão algumas frases que descrevem situações e sentimentos que podem ou não ocorrer no dia-a-dia de qualquer família. Lê cada frase e responde, se se aplica ou não à tua família, circulando os seguintes números:

Discordo completamente	Discordo um pouco	Concordo mais ou menos	Concordo muito	Concordo completamente
1	2	3	4	5

Lembra-te de que **não** existem respostas certas ou erradas. As tuas respostas são **anónimas e confidenciais**.

Na minha família...	Discordo completamente	Discordo um pouco	Concordo mais ou menos	Concordo muito	Concordo completamente
1. Procuramos ajudar as pessoas da nossa família quando percebemos que estão com problemas.	1	2	3	4	5
2. As proibições são constantes.	1	2	3	4	5
3. Uns mandam e outros obedecem.	1	2	3	4	5
4. As pessoas gozam umas com as outras.	1	2	3	4	5
5. Discute-se por qualquer coisa.	1	2	3	4	5
6. Algumas pessoas deixam de fazer as suas coisas para ajudar as outras pessoas da família.	1	2	3	4	5
7. Não importa a vontade da maioria, a decisão final é sempre da mesma pessoa.	1	2	3	4	5

8. As pessoas irritam-se umas às outras.	1	2	3	4	5
9. As pessoas gostam de passear e de fazer coisas juntas.	1	2	3	4	5
10. As pessoas resolvem os problemas discutindo.	1	2	3	4	5
11. As pessoas criticam-se umas às outras frequentemente.	1	2	3	4	5
12. Resolver problemas significa discussão e conflitos.	1	2	3	4	5
13. As pessoas tentam ajudar-se umas às outras quando as coisas não estão bem.	1	2	3	4	5

Na minha família...	Discordo completamente	Discordo um pouco	Concordo mais ou menos	Concordo muito	Concordo completamente
14. As pessoas gostam umas das outras.	1	2	3	4	5
15. Sinto que existe união entre os membros.	1	2	3	4	5
16. Os mais velhos mandam mais.	1	2	3	4	5
17. As pessoas sentem-se próximas umas das outras.	1	2	3	4	5
18. O(s) filho(s) tem(têm) pouco poder nas decisões familiares.	1	2	3	4	5
19. Temos prazer e alegria em passar tempo juntos.	1	2	3	4	5
20. Algumas pessoas resolvem os problemas de forma autoritária.	1	2	3	4	5
21. Ajudamo-nos financeiramente uns aos outros.	1	2	3	4	5
22. As pessoas ajudam-me a fazer as coisas quando não tenho tempo.	1	2	3	4	5

Muito obrigada pela tua colaboração.

Questionário 3

Comportamentos de Risco, (Almodôvar & Pires, 2024)

Este questionário é sobre Comportamentos de Risco, isto é, comportamentos que podem afetar a tua saúde física ou mental. Deste modo, gostaríamos de perceber, com a tua ajuda, os hábitos dos jovens no que diz respeito ao seu envolvimento neste tipo de comportamentos. A tua participação é de **carácter voluntário**, poderás desistir a qualquer momento. As tuas respostas são **anónimas e confidenciais**.

Lê atentamente cada uma das frases.

Faz um círculo no número que melhor expresse o que realmente fazes.

Não assinais o que pensas ser mais correto responder.

Nenhuma resposta é melhor que a outra.

Se te enganares, basta riscar e colocar o círculo na resposta que pretendes.

Responde a todas as perguntas e procura ser sincero/a.

	Nunca	Raramente	Às Vezes	Frequentemente	Muito Frequentemente
1. Costumo andar em veículos (mota/carro) sem capacete/cinto de segurança.	1	2	3	4	5
2. Costumo conduzir sob o efeito de álcool ou drogas.	1	2	3	4	5
3. Costumo andar no veículo de alguém que está sob o efeito de álcool ou drogas.	1	2	3	4	5
4. Costumo envolver-me em lutas físicas.	1	2	3	4	5
5. Já utilizei armas numa luta (ex: faca, taco, garrafa, etc.)	1	2	3	4	5
6. Já tirei objetos de valor que não me pertencem.	1	2	3	4	5
7. Já fiz algo com a intenção de me magoar.	1	2	3	4	5
8. Penso muitas vezes que não vale a pena viver.	1	2	3	4	5
9. Já pensei em pôr fim à vida.	1	2	3	4	5
10. Costumo consumir marijuana (canábis, erva).	1	2	3	4	5
11. Já consumi drogas pesadas (ex: ecstasy, LSD, cocaína).	1	2	3	4	5

12. Já tomei calmantes sem receita médica (ex: Xanax).	1	2	3	4	5
13. Costumo consumir bebidas alcoólicas (ex: cerveja, vinho, vodka, gin, etc).	1	2	3	4	5
14. Bebo mais de 3 bebidas alcoólicas num único dia.	1	2	3	4	5
15. Costumo fumar cigarros/cigarro eletrónico.	1	2	3	4	5
16. Fumo mais de 3 cigarros num único dia.	1	2	3	4	5
17. Já tive relações sexuais com um/a desconhecido/a.	1	2	3	4	5
18. Já tive relações sexuais sem proteção.	1	2	3	4	5
19. Costumo consumir alimentos com gorduras, e/ou sal em excesso	1	2	3	4	5
20. Costumo consumir muitos alimentos com açúcar, em excesso.	1	2	3	4	5
21. Costumo praticar exercício físico todas as semanas.	1	2	3	4	5
22. Prefiro ficar em casa em vez de fazer exercício físico.	1	2	3	4	5

Este é o fim dos nossos questionários.

Muito obrigada pela tua ajuda.